
Espaços e sexualidades trans

Lazer como arte da existência na Baía da Traição

Verônica Alcântara Guerra



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3521>

DOI: 10.4000/pontourbe.3521

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Verônica Alcântara Guerra, « Espaços e sexualidades trans », *Ponto Urbe* [Online], 21 | 2017, posto online no dia 22 dezembro 2017, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3521> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3521

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Espaços e sexualidades trans

Lazer como arte da existência na Baía da Traição

Verônica Alcântara Guerra

Introdução

- 1 Este artigo faz parte de uma pesquisa maior que deu origem à dissertação em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. As narrativas das interlocutoras são uma verdadeira ejaculação de potencialidade espacializadas nos corpos e nos desejos compartilhados com os rapazes. Na intenção de evidenciar essas narrativas, mas minimamente proteger a identificação de quem as pronuncia, os nomes serão suprimidos, pois o que importa são os atos que indicam as relações entre economias eróticas (Piscitelli 2016) e afetivas produzidas pelas mulheres trans e os rapazes, viabilizadas pela arquitetura urbana, em uma pequena cidade litorânea.
- 2 As informações aqui expostas são fruto de nove meses de pesquisa durante o mestrado, entre janeiro e setembro de 2014, mas com contato prévio ao longo da graduação em Antropologia no *campus* IV da UFPB no Litoral Norte. Durante o ano de 2014 passei a residir em Baía da Traição, município da Paraíba, a 80 km da capital João Pessoa; assim, foi possível fazer parte do cotidiano das interlocutoras de maneira mais intimista. Víamo-nos com frequência, eu as visitava em suas casas e, em consequência, elas também iam a casa onde morava. Mantínhamos contato em seus locais de trabalho, íamos juntas para as festas, passávamos longas horas na praia tomando sol, brincando e conversando sobre o que mais chamava a atenção e movia seus desejos: os homens, de preferência másculos e fortes. Ainda para compor este estudo lancei mão de entrevistas gravadas com roteiros prévios, tanto de forma individual, quanto coletiva.
- 3 O grupo de interlocutoras que apresento a seguir é conformado por seis mulheres trans que residem da Baía da Traição. As interlocutoras têm forte ligação com a identificação indígena e algumas possuem carteiras de identificação da FUNAI, que atestam seu pertencimento aos Potiguara. São de baixa renda, algumas já concluíram o ensino médio, outras desistiram de frequentar a escola e exercem os mais diversos trabalhos como: trabalhadora autônoma na venda de cosméticos, domésticas em casas de família e

pousadas, cabeleireira, agricultora, babá e professora. A cidade é um cenário onde as trans, para usar uma metáfora das artes cênicas, desempenham vários papéis de forma significativa: filhas, irmãs, tias, primas, madrinhas, trabalhadoras, consumidoras, amigas, entre outros; no entanto, é uma escolha metodológica não mencionar as atividades performatizadas por elas e seus parceiros para além de suas práticas de lazer.

- 4 É importante destacar que as interlocutoras representam e imaginam-se a partir de diferentes marcações, sendo “travestis”, “bicha”, “viado”, “trans” e “mulher”¹ aquelas que usualmente acionam entre si com mais frequência, de modo que ao longo do texto opto por usar a categoria “trans” para referir-me às pessoas e espaço, pois entendo que os universos trans podem reunir em si um espectro amplo de sujeitos e categorias que apresentam mais rendimentos para a análise aqui pretendida. Nesse sentido, antes de ser um sujeito político ou uma marcação inserida em um jogo identitário, quando falo em “trans” estou me referindo a uma categoria descritiva e analítica que reúne pessoas, valores, experiências e ideias que tendem a remeter à gramática de corpos e modos de ser que deslizam as cadeias de coesão de uma matriz heteronormativa que justapõe o modo de vincular sexo-gênero-desejo, como sugerido por Judith Butler (2003).
- 5 Assim, minha pretensão com este artigo é apontar como as sexualidades dissidentes estão conectadas com os emaranhados do espaço urbano, que potencializam as relações entre sociabilidades e agenciamentos desejantes. Toma como lócus etnográfico a Baía da Traição, interior da Paraíba, região que passei a ter contato com mulheres trans de variadas idades – mesmo que em sua maioria jovens ou “novinhas” –, raça ou cor de pele (morenas, brancas, negras, bronzeadas, como se dizem) e de classes populares que se relacionam entre si misturando ideias e concepções apreciativas, morais e experienciais que continuamente se atualizam no curso do tempo e dos próprios envolvimentos.
- 6 Uma suposição das reflexões aqui apresentadas é que, tal como sugeriram Gayle Rubin (1992) e Thiago Oliveira (2016), a relação com o espaço é um marcador importante para compreensão das experiências eróticas. Sendo assim, intenciono esboçar alguns dos possíveis rendimentos dessa articulação entre práticas eróticas e espaço e como esses elementos são compreendidos como lazer. Portanto, ao apresentar os espaços trans (formados) e suas interconectividades com as práticas de lazer e sociabilidades das trans, busco esboçar uma série de apontamentos que nos possibilitam refletir sobre a potencialidade da sexualidade em um lugar tido como “o cu do mundo” (Pelúcio 2012) ou fora do eixo.
- 7 Neste campo de análise a prostituição não é percebida com destaque na etnografia realizada, mas a categoria *ajuda* (Piscitelli 2004) é acionada para nomear os favores sexuais. Nesse sentido, é preciso atentar para as formas pelas quais as trans utilizam os espaços da cidade para suas atividades de lazer e sociabilidades, em um ambiente interseccionado pelos marcadores sociais da diferença e o turismo, sobretudo no período que corresponde ao verão. Busco apontar o que as trans compreendem por lazer e de que forma suas experiências urbanas e práticas de errâncias (Berenstein 2007) pela cidade são articuladas para manutenção dessas atividades. Para esse propósito, dialogo intimamente com o conceito de estética da existência (Foucault 2014) como a arte de viver, no qual a relação da pessoa consigo mesma é intensificada em prol do próprio prazer. Assim, é válido destacar que as narrativas dos prazeres das trans se confundem com a arquitetura de resistência que fez surgir os becos. Por sua abundância, os becos são considerados “*motéis*” e, mesmo distante do que compreendemos por motel: um lugar privativo, quarto fechado, cama, banheiro, espelhos nas paredes e no teto, nos becos motéis há uma forma

de agir que atende os desejos sexuais ao cair da noite, embora não possua um aparato privativo.

- 8 Ao dissertar sobre a estética das mulheres trans, parto do entendimento foucaultiano sobre a *arte da existência*, na qual a economia dos prazeres é posta como elemento substancial para existir, igualmente, nas artimanhas da erótica e da dietética dos prazeres. Aqui, darei às “*brincadeiras*” transformadas em práticas sexuais, seus códigos e evidências, bem como às comemorações festivas, nas quais os homens, convertidos em “*bofes*”, o tom de existência e resistência, pois as trans encaram o sexo como lazer, obtido através dos jogos sexuais que as relaxam, como se tirassem um peso de seus corpos. Essas práticas ocorrem em becos, na praia e nos rios. Não obstante, a experiência da trans na pequena cidade litorânea é ambivalente, pois no mesmo instante em que se evoca a liberdade dos desejos e domínio de si, articulam-se os jogos de repressão, tendo a fofoca como principal vetor.

Espaços trans: becos, prazeres, desejos

- 9 Ao tratar sobre os usos dos espaços é imprescindível ter em mente as contingências e negociações históricas e políticas que produzem espaço e território como categorias sociais e políticas em construção contínua, como advertiu Doreen Massey (1996), sendo, portanto, uma unidade passível de análise antropológica. Seguindo neste sentido, é de suma importância indicar que Baía da Traição é um dos inúmeros municípios brasileiros que carregam em sua história as marcas da colonização e lutas étnicas. A cidade possui cerca de nove mil habitantes e aproximadamente seis mil pessoas autodenominadas indígenas da etnia Potiguara e, no entanto, apenas 3 mil pessoas residem na zona urbana e as demais nas aldeias que compreendem o município, fazendo da cidade um lugar pequeno, onde tudo é “*centro*”, de acordo com uma interlocutora. O que separa o perímetro urbano das terras indígenas é apenas uma placa muitas vezes despercebida pelos transeuntes e, dessa forma, podemos considerar que Baía da Traição, ou simplesmente Baía, é um mosaico de unidades distintas (Hannerz 1998), região de encontro e cruzamento de diferenças e semelhanças, pois a partir dela é possível notar que os horizontes das interlocutoras ultrapassam os limites da cidade, evidenciando os fluxos de acontecimentos desenvolvidos no tempo e no espaço.
- 10 Tendo em vista a complexa heterogeneidade dos espaços, faço uma breve apresentação para melhor consubstanciar meus apontamentos etnográficos. A Baía está localizada à beira do Oceano Atlântico, cercada por praias, rios e terras indígenas: Aldeias do Forte, Vila São Miguel e Akajutibiró. Este último tem ligação etimológica e cosmológica com a “*sodomia*” e, tempos depois, deu lugar à Baía da Traição. Ainda sobre Akajutibiró, em um texto épico, ao fazer descrições sobre a capitania da Paraíba, Elias Herckman (2010 [1886]) narra a existência de um rio chamado *Tibery*, em cujas margens havia engenhos e também indígenas, os *Pitiguares* (hoje conhecidos por Potiguara). Herckman afirma que a palavra *tibero* faz referência ao pecado sodomítico ocorrido nas proximidades dessas águas: quando os Potiguara se encontravam em uma situação de batalha com indígenas que habitavam as terras do sertão, capturaram um jovem guerreiro *Tapyas* e dele abusaram no *Tiberoy*, caracterizando a água do pecado sodomita (Herckman 2010).
- 11 Outro aspecto em torno do nome da cidade é especulado e reiterado pela população local, descrito por Américo Vespúcio ao Rei de Portugal, em 1501. Contemporâneo de Pero Vaz

de Caminha, Vespúcio narrara o fato de alguns tripulantes da embarcação próxima à praia que foram atraídos por indígenas fêmeas e, ao atracarem na praia, foram rendidos com arcos e flechas. Em ritual antropofágico, os marinheiros portugueses foram devorados pelos Potiguara. Outra possível explicação para *traição* é o fato de os indígenas terem se aliado aos franceses em luta contra os colonizadores portugueses na *baía*, ambos os casos considerados atos de traição.

- 12 As histórias que precedem a formação da cidade são permeadas por uma ideia de traição e questões étnicas de suma importância para sua constituição como cidade. Ainda que as dinâmicas territoriais que caracterizam a complexidade do espaço merecessem uma atenção maior, sinalizo aqui para a confluência e encontro de inúmeros contingentes que se reúnem dentro dos limites administrativos do município. Indígenas, famílias que têm seus modos de vida vinculados à vida no campo, professores que migraram de outros estados para trabalhar na Universidade Federal da Paraíba, em Rio Tinto, distante 22 km, além do intenso fluxo de famílias de outros municípios que usam a Baía como balneário aos fins de semana.
- 13 O Município teve sua emancipação política em 1962, época em que indígenas passaram a reivindicar direitos políticos e demarcação de terras; por essa razão várias famílias ocuparam, da forma que puderam, com barracas de palha a parte baixa do litoral. Esta é uma possível explicação sobre a enorme quantidade de becos na cidade. O eixo central é produzido por poucas ruas asfaltadas em torno das quais se aglutinam vielas, becos, corredores, caminhos... Por essa razão, é possível destacar que a Baía é a “*cidade dos becos*”, como bem coloca uma das interlocutoras, pois os emaranhados de passagens estreitas são vastos na paisagem urbana.
- 14 Através da breve explanação sobre o lugar, é possível notar a confluência de marcadores sociais da diferença, que fazem da cidade urbana, aldeia e marítima – portanto, a cidade é bem mais do que um conglomerado mensurável de habitantes. Como aponta Raquel Rolnik (1994), é possível pensar a cidade através das categorias: *ímã*, *escrita* e *política*. A primeira é um mecanismo que serve para atrair grupos de pessoas que acastelam tijolos e constroem monumentos, templos religiosos, campos para a prática de esportes e outros; a segunda é pensada como algo que se transforma com o passar do tempo, cujo sentido é ressignificado, assim como o próprio uso de espaços e ferramentas da cidade; a terceira definição são as articulações políticas, fundamentais para orquestrar a administração pública. Essas atribuições dadas aos espaços urbanos possibilita que a vida cidadina ganhe novas dimensões com o passar do tempo.
- 15 A cidade funciona como um território heterogêneo, pensado como uma forma de administração e controle. Por essa razão, atribui-se como sendo “desvio” o que não é brevemente planejado, por destoar dos padrões considerados normais para o sistema de relações (Velho 2003). Assim, ao pensar sobre os becos, como parte da articulação entre engenharia erótica e arquitetura dos prazeres (Oliveira 2016) considero que as trans dão a eles um significado que tende a ser lido como “problemático” em duas instâncias que se cruzam. Os becos são problemáticos por não se enquadrarem nas regras de “ordem” e do “projeto” da malha urbana e, por isso, são tidos como territórios propícios à violência, drogas, prostituição e desvios, mas também são espaços de tática, de deslizamento sobre o social, espaços que transformam a precariedade da estrutura em material para engajamentos criativos nos quais o “uso” é uma forma de predação corporal, arquitetônica e “afectiva”.

- 16 Assim, no imaginário da produção e da predação dos e nos espaços, os becos são cartografados de múltiplas maneiras pelos sujeitos: os becos perigosos, os becos aonde se podem ir, onde se pode encontrar alguém. Esses regimes estão submetidos à criatividade que aglutinam espaços e temporalidades às possibilidades de uso, encontro, do despir a si e vestir o lugar de outras formas e substâncias. Sobram os vestígios e os rumores... o vulto dos corpos, os preservativos no chão, a memória.
- 17 É nos becos, segundo Elayne Passos (2013) que “iremos encontrar tudo que a sociedade deseja ocultar, mas também encontraremos as mais diversificadas formas de compreender essa mesma sociedade que exclui os becos da sua história.” (Passos 2013: 71). Na Baía da Traição os becos não se contrapõem às ruas e não são tidos como uma pequena parcela de desvios na cidade: os becos são os próprios caminhos. Esses espaços também não estão ligados ao crime, uso de drogas ou prostituição; trata-se de uma ocupação de território com propósito de demonstrar pertencimento político e visibilidade dos indígenas Potiguara, cuja *escrita* é permeada por questões históricas, coloniais e étnicas, colocando Baía da Traição em interseção entre urbano, terras indígenas, ruas, becos e praias, onde essas relações processuais se encontram em constantes tensões e negociações.
- 18 Os becos, talvez mais do que as ruas, praias ou os rios, fazem parte dos trajetos, intercursos sexuais e do uso dos prazeres (Foucault 2012). Com o olhar treinado é possível perceber os desejos dos corpos que estão esperando seus parceiros, de pé nas esquinas dos becos, olhando para escuridão do mar. Esses espaços são transformados em linhas de fuga (Deleuze, Gilles; Parnet 1998), que sinalizam o desvio de uma geometria urbana para compor uma arquitetura dos desejos desviantes, transformando a cidade em cenário onde os desejos são vivenciados. E nessa mistura de corpo e cidade, como acena Fabiana Britto e Paola Jacques (2009:340) “poderá surgir uma outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea.”
- 19 Através das “*brincadeiras*”, em alusão ao lúdico, é possível perceber como as experiências urbanas vão se desenhando no prazer dos encontros entre as trans e os homens de variadas aparências e idades, também chamados de *bofes*, *machos* ou *boyzinhos* na complexa engrenagem linguística das trans. Os homens com os quais elas brincam são, sobretudo, amigos com os quais compartilham afetos, gozos, carícias e avidez. Desse modo, a amizade encontra-se localizada em um contexto transgressivo de multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização (Ortega 1999).
- 20 As trans são autóctones, moradoras e trabalhadoras na cidade e constituem uma engenharia erótica tanto na composição de seus corpos, sempre com roupas sumárias, quanto na manutenção de suas sociabilidades. Nesse sentido, compreendo *engenharia erótica* a partir da leitura realizada por Thiago Oliveira, onde o autor coloca que:
- A produção dos lugares nos circuitos da pegação é uma constante engenharia da criatividade, na medida em que os espaços são produzidos a partir de sua precariedade, de certos interesses, da possibilidade de capitalização e consumo e então convertidos em lugares de experiências intensas (Oliveira 2016: 44).
- 21 Há um relacionamento entre corpo e cidade, no qual “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação escrevendo em sua corporalidade o que passamos a chamar de ‘corpografia urbana’.” (Britto e Berenstein 2009: 346). Os corpos das trans não respondem ao aparato subscrito do capitalismo como fez crer Neuza de Oliveira (1994). Eles são, sobretudo, corpo, afeto e desejo. Posto isso, não pretendo fazer uma análise crítica dos diversos trabalhos sobre

travestilidade (Oliveira 1994; Silva 1996; 2007; Kulick 2008; Vale 2005; Pelúcio 2005; Patrício 2008; Agnoletti 2015), mas conduzir as reflexões, considerando as amplitudes das economias sexuais e do mercado do sexo em contexto urbano ou cidadão e, dessa maneira, apontar uma forma de vivenciar a travestilidade onde se encontram: corpo, ruas, becos e prazer.

- 22 Esses corpos são lugares que dispensam as doses excessivas de hormônios, aplicações de silicone de maneira clandestina. Aqui, os hormônios do urbanismo, das ruas asfaltadas e planejadas, ou as avenidas que delimitam territórios de inteligibilidade para feminilidades e masculinidades são engenhosamente embaralhados, feitos como misturas e encontros. Ao cair da noite, as errâncias dos corpos na cidade ocorrem na experiência das trans e seus parceiros, no desejo de penetrar nas possibilidades que os cenários lhes oferecem, pois, como indica Berenstein (2008), para os corpos que experimentam os espaços urbanos “a cidade deixa de ser uma cenografia no momento em que ela é vivida. [...] E mais do que isso, no momento em que a cidade, o corpo urbano, é experimentada, esta também se inscreve, e dessa forma sobrevive e resiste, no corpo de quem a pratica”(Berenstein 2008: 95). Nesse sentido, podemos inferir que a cidade só acontece nos movimentos dos corpos, corpos que escrevem e são escritos pela cidade. Posto isso, não pretendo invisibilizar as relações de poder e repressão pela qual as sexualidades dissidentes estão sujeitas, especialmente as trans, localizadas na escala mais baixa das hierarquias sexuais (RUBIN, 1984), mas como bem coloca Foucault (2011: 171) “contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres”.
- 23 Para Foucault (1997), a vida e os corpos são os elementos em torno dos quais as leis mais têm se debruçado nos últimos séculos. Os corpos e as práticas íntimas das trans em conexão com os espaços da cidade constituem um significativo processo de resistência, de fazer borrar e deslizar as convenções e regimes que orientam a produção de normas e legitimidades sobre os dispositivos da sexualidade, que a todo instante buscam disciplinar e delimitar as formas nas quais as pessoas devem usar seus corpos e prazeres, tendo como parâmetro de julgamentos morais o aparato regulatório da heterossexualidade compulsória (Butler 1993; 2003).
- 24 Os arranjos sexuais entre as trans e os rapazes buscam seu valor compensatório no prazer descomprometendo-se das amarras de um desejo estável e aliado. A única forma de controlar a “vontade”, “o fogo”, o desejo é produzir mais desejo, intensificá-lo, multiplicá-lo em forma e em parcerias. As “brincadeiras” são jogos, insinuações, encontros, astúcias e táticas que desaglutinam e agregam relações. São feitas aos pares, grupos, na fronteira entre o um e o múltiplo, dão-se entre amigos amáveis e as trans criam e recriam novos modos de vida e travestilidade compondo uma arte de viver comprometida consigo.
- 25 Para lançar mão sobre as “brincadeiras”, evoco o conceito de “segredo polichinelo.” As trans e os rapazes articulam estratégias para produzir e manter os encontros (como se fossem) secretos, ainda que esses acontecimentos sussurrem entres os becos, rios e praias da cidade. Assim, o segredo é mais que um conteúdo, é a afirmação de sua inviolabilidade. Na produção cotidiana dos encontros, a política da fofoca faz encontrar ouvidos, bocas, substâncias e lugares através desses sussurros que prometem o segredo sobre “quem”, “onde”, “que horas”, “quando”. E, nessa mistura de vidas e desejos possíveis, faz-se emergir uma arte de viver que viabiliza outras formas de existir e faz surgir uma ética própria para os encontros, negociada entre as trans e os rapazes na conversão dos becos

em motéis ao cair da noite, momento em que a arte erótica é extraída das práticas sexuais que envolvem: *dar, comer e chupar*.

- 26 Em suas narrativas é possível ouvir: “*Oxe... de noite é difícil encontrar um beco vazio!*” exclama uma trans em resposta hiperbólica sobre o uso dos becos, os rapazes e as práticas sexuais. Ainda sobre os usos dos prazeres no âmbito dos becos, é importante esclarecer que estes não são de exclusividade das trans e seus parceiros, mas também entre os rapazes e suas namoradas. Não obstante, aos becos na Baía da Traição também é atribuída a característica do “*perigoso*” (com aspas) e devem ser evitados ao estar sozinha, principalmente para uma mulher vinda de fora (meu caso). No entanto, paralelos às sinuosidades do risco, há os encontros fugidios dos corpos para as “*brincadeiras*” com os “*bofes*”, encontros engendrados para se adaptar aos moldes da cidade. Sobre esse aspecto, vejamos o que diz uma das interlocutoras:

Aqui o que mais tem é entrada e saída, entrada e saída... E acho que isso é o que dá certo, porque quando a gente quer, a gente manda os meninos vir da praia, e a gente vem pelo beco, ou senão, os meninos vão pelo beco e a gente vai de praia... aí marca um canto onde eles irão esperar e pronto (...) Aí a pimba rola...

- 27 Os rapazes e as trans tornam os seus corpos fluidos e passam a experimentar a multiplicidade de vidas possíveis facilitada pela arquitetura urbana. Esses encontros muitas vezes não têm hora e nem locais fixos para acontecer, bastando apenas a iminência dos instantes; porém, esse fato não exclui os pontos de encontro inteligíveis para os participantes das práticas sexuais, sejam nos becos ou esquinas. Vejamos o que fala uma das interlocutoras sobre o assunto:

No meu bairro tem uma esquina aqui na frente e nesta esquina a gente sempre fica lá para debater com o público, com os meninos, conversar... Ai, rola de tudo, né? Você sabe que coisa de jovem... Começamos a conversar, depois vamos para a praia através do beco, conversar na praia, aí rola várias coisas. Sabe?

- 28 Os espaços são ressignificados e convertidos em motéis, onde são desempenhados os atos sexuais permeados de perigos pela iminência da abordagem de um transeunte alheio ao coito ou pela constante vigilância sobre os não ditos das sexualidades dissidentes. Essas práticas sexuais em surdina, muitas vezes realizadas às pressas, são sobrepostas às feitas sobre uma cama macia, com calma e sem medo de um possível flagrante. Os desejos das práticas sexuais produzem formas de agir na cidade que diferenciam os prazeres, tornando-os multifários, que variam de acordo com o lugar e a passagem do dia, quando a penumbra da noite desanuvia os desejos e passa a ser produto e produtora de avidez. Assim, é válido dizer que a penumbra torna os becos espaços quase vazios de censura social e os corpos e os desejos são postos em constantes negociações ao *dar, comer e chupar*.

Estética e arte de viver

- 29 Ao falar sobre prazer é importante compreender: o que pode a estética da mulher trans? Aqui, não me refiro aos corpos livres de censura, mas às travestilidades forjadas no desejo de estar no mundo da melhor forma possível ao conduzir a própria moral e as práticas de si (Foucault 2012). Sobre a estética da existência, Foucault chama atenção para o jogo entre “erótica” e “dietética” dos prazeres. Aqui, essas categorias são usadas para pensar a estética trans como a ambivalência da liberdade, prazer e controle, pois a evocação do domínio de si, através da estética da arte dissidente, não elimina os jogos de repressão e

controle estabelecidos pela fofoca e ridicularização. Essa ambivalência está sustentada na suposição de que a liberdade também é compreendida como uma constante negociação de poder.

- 30 Assim, uma das formas encontradas para ridicularizar os encontros íntimos entre as trans e os rapazes e destes com outros homens, dá-se por meio da fofoca e algumas pichações nos muros, uma eficaz ferramenta para repassar informações, muitas vezes vexatórias e exageradas, sobre os encontros íntimos. Não raro, é possível, ao caminhar pelos becos, encontrar pichações em formatos de pênis e vagina, como também frases com os dizeres: “*João (fictício) come cu*” ou “*João dá o cu*”. Estas são caracterizadas como situações constrangedoras e embaraçosas para os rapazes e suas respectivas namoradas heterossexuais e, das mulheres trans com seus familiares. Durante o período que compreende a pesquisa de campo, não foram registradas situações de violência física, à exceção daquelas ocorridas entre parcerias conjugais (em especial entre as trans e seus respectivos parceiros).
- 31 Diante desses fatores, as trans e os rapazes inventam e reinventam suas moralidades, aqui pensada em consonância com análise foucaultiana sobre a variedade da ‘moral’, que pode tanto ser um sistema de regras, transmitidas através da família, igreja e instituições com prescrições coerentes e explícitas, como também algo que se transforma com o passar do tempo e as necessidades individuais, ou seja:
- Acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores (Foucault 2012: 33-34).
- 32 A arquitetura urbana, entremeada por becos, funciona como um dispositivo, que além de possibilitar a passagem dos transeuntes pela cidade, é um atrativo que viabiliza a interdição de uma conduta moral fechada e ortodoxa e, portanto, é possível, em espaços estreitos e pouco iluminados, borrar as regras que lhes são impostas através de valores da heteronormatividade. Os espaços, assim como os corpos e os desejos, são arquiteturas políticas que produzem moralidades particulares, como também normas e éticas próprias.
- 33 Assim, retorno à madrugada em que conversava com algumas trans na frente de uma famosa casa de show da cidade, quando uma delas narrou que há algumas semanas, ao sair do estabelecimento, um rapaz pediu para acompanhá-lo até a praia. Durante o percurso, sorrateiramente, ela passou a mão sobre o pênis do rapaz e disse não ter sentido grande coisa, mas no instante em que chegaram ao lugar mais deserto, ela pôde notar o tamanho e espessura avantajados do “*pau do bofe*”. Ela disse ter sentido vontade de correr, mas se conteve, pois ficou com medo de o rapaz contar para outros homens que ela não teria aguentado transar com ele. A trans temia pela sua reputação de não escapar dos encontros e fugir dessa situação seria inviável, pois ela deixaria de ser, em suas palavras, “*uma mulher com uma rola entre as pernas*”.
- 34 Não se desviar e nem fugir dos encontros com os rapazes é o seu maior prestígio. Em outros momentos de nossas conversas é notório, em suas narrativas, como as práticas

sexuais são apresentadas e sentidas com afincio e desejo. Vejamos os trechos a seguir, nos quais a interlocutora expressava suas preferências.

Na hora do sexo a gente não pensa no que quer ou no que não quer, não... mas a **chupadinha** é o principal. Porque eu acho assim, se você vai fazer sexo e não tem isso, eu acho que não é sexo! E quem não fizer, eu acho que nem sabe o que é sexo... Eu mesmo não fico, não... Para ficar com o macho, só pra baixar a roupa e ele me **comer** e ir embora! Eu não fico não, digo: 'pode ir embora'. Não tem quem faça! Tem que fazer tudo, e se não fizer tudo não vale!

[...]

Eu gosto, menina, é a coisa melhor que tem [gargalhadas - bate as mãos]. Eu acho assim, quando é uma **chupada** gostosa, eles nem pensam em transar... só assim eles se realizam, se satisfaz no que ele quer e eu acho que faço... No sexo eu prefiro tudo, sem tirar nada.

- 35 Ao ser questionada sobre a quantidade de parceiros a interlocutora responde:

Dependendo de quantos apareçam... tem vez que é dois, três em uma hora só... Mas já teve bem mais! De quando eu chegar os machos já tarem nu, mas ai eu não ficava nu, pega mal eu nu no meio de um monte de macho, ai eu só ficava de calcinha... E quando começava, a calcinha ia embora não sei pra onde...

[...]

Eu fico com quantos aparecer, eu estando na vontade... agora quando eu não quero, fico só com dois, três, mas quando eu estou com vontade mesmo, é a noite todinha... pode aparecer 100 machos, eu faço com tudinho... aí as bichas perguntam: 'Como tu aguenta tanto macho desse jeito? Aí eu digo: 'tenho as minhas estratégias'.

- 36 Nessa mistura de corpo comido e chupado, extrai-se do doador o prazer como retribuição e obrigação, pois é a erótica fundada na complexa arte do contato recíproco dos prazeres com os rapazes, que as trans encontram no sexo oral o regozijar do ápice sexual e do qual não é excluído o jogo de conquista e dominação que acontece muitas vezes através dos olhares e gestos, pois o sexo não tem um fim em si mesmo e não se resume à penetração.
- 37 Portanto, nessa dinâmica de experimentações sexuais o que está em jogo não é exatamente o amor pelo rapaz, mas o desejo da conquista, assim como a caça está para o caçador; é o sentir-se "quenga" - no sentido ordinário do termo - pois o ato gera felicidade, vontade que move os corpos e deixa as estratégias no mais absoluto segredo, como se evocassem a dominação de si. "Eu estando na vontade..." [...] 'tenho as minhas estratégias'.
- 38 As categorias: *dar*, *comer* e *chupar*, para além dos termos êmicos, usados para classificar as performances sexuais, pode-se perceber como os encontros são organizados de forma prática e subjetiva. *Dar* é uma relação que consubstancia uma série de expectativas de reciprocidades envolvendo os rapazes e trans, pois criar laços é também estar enlaçado por retribuições que algumas trans não fariam se pudessem recusar sem alterar o seu prestígio. Desse modo, algumas preferem, no momento das relações sexuais, dar-se por completo ao parceiro, o que implica em também ser ativa, pois alguns rapazes também desejam ser penetrados/comidos pelas trans. Ao explicar o caso, umas das interlocutoras diz: tem "bofe (homem) que gosta de fazer o babado todo," e com o passar do tempo para a ela "tanto faz ir como não ir, levar, como não levar, botar como não botar, pra mim é do mesmo jeito!".
- 39 As dimensões subjetivas que atribuem a passividade à feminilidade, na experiência das mulheres trans na Baía da Traição são embaralhadas e constantemente invertidas, revertidas e tornadas *salobras*, pois não se trata de doce ou salgado, ativo ou passivo, mas "aquela lógica... aquela coisa boa! Não sou nem doce e nem salgada... Sou salobra! Mamãe passou açúcar e sal em mim ao mesmo tempo!". Ser *salobra* é doar-se ao prazer intemperante dos

desejos indóceis, no qual ser ativa em relação aos prazeres e com os rapazes não é descartado por meras convenções instituídas que visam definir os papéis de gênero e sexualidade. As prerrogativas das práticas sexuais são potencializadas, ou seja: ora acionadas, ora abandonadas, quando os atos sexuais ativos e passivos, assim como os becos, são invertidos, revertidos e ressignificados. Isso torna o sujeito do desejo também *salobro* e *chupar* faz parte da *brincadeira*, que por sua vez descentraliza os órgãos reprodutivos e provedores de prazer.

- 40 Na perspectiva do uso dos corpos, para o antropólogo Don Kulick (2008: 204) “as travestis não se ajustam bem no famoso e encarniçado debate que se trava nas ciências sociais e humanas em geral, no construtivismo e no essencialismo, justamente porque elas são, ao mesmo tempo, essencialistas e construtivistas”. Nesse aspecto, o gênero é delimitado tanto pela posição assumida na relação sexual: ativo ou passivo, macho ou fêmea, quanto em oposição aos órgãos genitais femininos que só podem dar. Kulick argumenta sobre a plasticidade que socialmente se percebe como característica do masculino, em suas palavras “o indivíduo no sexo masculino pode tanto penetrar quanto ‘dar’” e essa fluidez sexual possibilita, segundo o autor, que as trans façam uso de diversos “espectros dos comportamentos sexuais e de gênero e a todo o espectro das subjetividades envolvidas” (Kulick 2008, p.204).
- 41 Ainda nesse sentido, nos usos dos corpos nas práticas sexuais, de modo geral, há uma supervalorização dos atos de dar/passivo e comer/ativo que participam como engrenagens dos processos de encontro e experimentação no corpo e através dos espaços onde se estabelecem; mais, chupar é algo que dispensa sistemas de gênero apriorísticos em favor de outras potencialidades para o corpo e a sexualidade. O sexo por meio da vagina e ânus é explorado como forte representação de masculinidades e feminilidades, esforço que não é dispensado para outras partes do corpo. Bocas, lábios e línguas sentem os sabores salobros, que não são necessariamente ativos e passivos na hierarquia das práticas sexuais.

Performances das “*brincadeiras*” e o segredo polichinelo

- 42 As “*brincadeiras*” sexuais fazem parte do presente e das lembranças das interlocutoras. Como lembram as trans, já existiu uma residência desabitada na praia conhecida como “*A casa das 24 poses*”, orquestrada por um dos seus amigos. Lá, cada rapaz ou trans ia acompanhado de seus “*bofes*” e, ao chegarem, dava-se início às “*brincadeiras*” luxuriosas que consistiam em um jogo de dados indicando posições sexuais; nas portas dos quartos cartazes eram previamente colados para ilustrar as posições para o sexo e aqueles que ali entrassem deveriam realizá-las.
- 43 Maravilhas e proezas sexuais, as “*brincadeiras de pega-pega e corre-corre*” eram iluminadas por candeeiros, disfarçando a movimentação dos corpos durante os jogos eróticos. Essas práticas devem ser compreendidas como *voluntárias*, mas não isentas de obrigações, em que as trans e os rapazes constroem a própria ética, especialmente quando seus corpos e prazeres contra-atacam os dispositivos da sexualidade que buscam traçar regras de conduta para os sujeitos (Foucault 2011).
- 44 A penumbra dos becos possibilita ações, gestos e encontros que viabilizam formas de obtenção de prazer considerada *afrodisia*, em uma perspectiva foucaultiana, sem perder de

vista que “a prática dos prazeres diz respeito, igualmente, a uma variável que se poderia chamar de ‘papel’ ou de ‘polaridade’” (Foucault 2012: 59). Nesse sentido, Foucault chama atenção para os papéis ativos e passivos das práticas sexuais, onde a função ativa encontra-se ligada a penetração e a masculinidade, em contraposição à passividade compreendida como papel designado às mulheres. Foucault destaca:

é preciso sublinhar que, na prática dos prazeres sexuais, distingue-se claramente dois papéis e dois polos, como também podem ser distinguidos na função generativa; são dois valores de posição (...) aquele que exerce a atividade e aquele sobre o qual ela se exerce. (Foucault 2012: 60)

- 45 A linha de demarcação das práticas sexuais para Foucault, em uma leitura sobre a sociedade grega, passa pelos ‘atores ativos’: encarregados de exercer as ações sexuais, e os ‘atores passivos’: sujeitos receptores das práticas dos prazeres sexuais. Essa linha de demarcação traça os papéis sociais e sexuais, mas, no que tange às experiências prazerosas entre as trans e os rapazes, *chupar* é um elemento que borra as demarcações para as práticas sexuais, incita o gozo *excepcional* dos corpos e espacializa o desejo.
- 46 O prazer das práticas sexuais segue caminhos multifacetados; assim, o ato de *chupar* pode caracterizar uma verdade “útil ou perigosa, preciosa ou temida”. (Foucault 2011: 65). Nesse sentido, *chupar* produz expressões de gêneros, desejo e sexualidades *salobras*, uma vez que para experimentar o sabor dos corpos é necessário levá-los à boca, possibilitando que o gênero flua entre os lábios ocasionando a transgressão demarcatória entre os papéis de penetrados e penetradores. *Chupar* é essencial. *Chupar* demarca a moralidade e ética particular dos prazeres.
- 47 Nesse contexto, os homens exercem um papel de destaque, visto que as trans encaram o sexo como lazer, que tem na arquitetura urbana e na resignificação de sua malha viária um lócus para as práticas íntimas. É através dos jogos sexuais que se relaxa, como se tirassem um peso de seus corpos. Os homens são centrais para o divertimento na cidade, local considerado *paraíso* por algumas interlocutoras, pois tudo que se deseja é encontrado: “*Tem liberdade, tem macho, tem mar... O mais importante são os bofes, porque aqui é assim, piscou, choveu... É só botar a cara ali na frente que aparece*”.
- 48 Os jogos sexuais fazem parte da manutenção das relações sociais em território situado no contexto transgressivo da amizade que “trata-se de chegar a uma nova forma de existência mediante a sexualidade. Essa forma de existência alcançável através de um certo trabalho sobre si mesmo, de uma certa *ascese*, tem a forma da amizade.” (Ortega 1997, 154-55). As amizades e brincadeiras minimizam as relações íntimas pautadas no domínio arbitrário dos corpos e, passam a criar e recriar novos modos de vida, prazer e travestilidade.
- 49 Ao retomar a noção de moralidade e estética da existência em Foucault (2012) nos destaques dos trechos do quadro etnográfico, é possível vislumbrar como as práticas dos prazeres seguem diretrizes próprias, onde as trans e os rapazes se constituem como sujeito moral em consonância com os desejos e engenharia urbana. Para tanto, o segredo, mesmo sussurrando na boca das pessoas, permite que os afetos mal-ditos da sexualidade (Ferreira 2008) se perpetuem como uma forma criativa de transformação, ou seja, para que seja dita moral:
- o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se. (Foucault 2012: 37).

- 50 Essas prerrogativas morais fazem da existência uma arte, sem que haja uma definição fixa e consolidada, pois o que está em campo são as problematizações e as práticas de si que compõem diferentes formas de vida, sejam elas individuais ou coletivas. A arte é, sobretudo, uma técnica corporal, ética, moral e dos desejos compartilhados entre os espaços transitórios.
- 51 E, nessa arena dos prazeres, *dar*, *comer* e *chupar* transgridem as identificações fixas de gênero que tentam reduzir as relações sexuais entre passivos, ativos; dominado, dominante e mobiliza o nosso olhar para a complexa arte do contato recíproco dos prazeres. Dessa forma, ser passivo, ativo, construtivista ou essencialista não é um aspecto de fundamental importância para compreender e explicar as ‘identidades trans’ e o uso de prazeres, que reconhece nas *brincadeiras* a força da retribuição do que é dado, recebido e deixado como débito; assim, na calada da noite, os becos, praias e rios são lugares propícios para sanar e contrair dívidas.

Conclusão

- 52 Nos textos sobre travestilidade na experiência brasileira, é possível perceber uma característica marcante em suas trajetórias de vida: a mobilidade é apresentada como parte significativa de suas vidas, em especial para aquelas que têm seus modos de subsistência vinculados ao trabalho nos mercados do sexo. As migrações das trans, para fazer parte do mercado transnacional do sexo (Piscitelli 2006), quase sempre são motivadas pela fuga da violência das cidades brasileiras e pela busca de melhores condições socioeconômicas e reconhecimento (Patrício 2009). Para Larissa Pelúcio, por serem “historicamente patologizadas, criminalizadas, ridicularizadas e assassinadas, as trans brasileiras têm perseguido no mercado do sexo europeu projetos de ascensão financeira” (2011: 107), muitas vezes de maneira clandestina.
- 53 Não obstante, o apontamento realizado neste artigo não versa sobre as experiências do trabalho na prostituição ou de seus vícios ⁵⁹ homens que transam sem nada cobrar na linguagem da prostituição ⁶⁰ mas de amigos, pescadores, agricultores, colegiais e turistas que aceitam fazer parte das *brincadeiras*. Desse modo, evidencia-se um campo das reflexões antropológicas sobre sexualidades dissidentes em contexto que muitas vezes escapa das problematizações antropológicas, debruçadas, geralmente, sobre o sofrimento e exclusão de trans em situação de risco no *trottoir* ou *na batalha* em grandes centros urbanos e nas transformações de seus corpos, com pouca assepsia, por meio de silicone industrial e migrações nacionais e internacionais para trabalharem como prostitutas.
- 54 Devo destacar que essa realidade permeia o imaginário das trans da Baía da Traição e entre elas são travadas discussões a esse respeito; algumas expressam vontade de morar em outro lugar, mas não é algo que as move. Esse desejo é despertado, em especial, por uma trans que já morou na Europa e adquiriu bens de consumo significativos na cidade e por conhecerem várias trans que saíram do seu lugar de origem. Essas histórias nem sempre são felizes e bem sucedidas e, por mais que a vida socioeconômica das trans na Baía da Traição seja permeada por privações e falácias, elas têm a cidade como um lugar bom, tranquilo ou mesmo um paraíso, no que tange aos prazeres com os rapazes.
- 55 Nesses encontros sexuais a ética do desejo não é negligenciada, pois é possível notar hierarquias das vontades e reciprocidades cuja moralidade encontra-se pautada em si mesmo através do jogo de *dar*, *comer* e *chupar* como elementos que passam a acompanhar

a ressignificação dos usos dos becos e as experiências urbanas que tornam rabiscos as buscas por determinações fixas dos desejos e identificações de gênero, visto que se trata de corpos com desejos *salobros*. A dinâmica dos prazeres que está em jogo é o desejo, a paixão e a conquista que ocorrem entre os emaranhados de becos estreitos e escuros, ou seja, as partes opacas da cidade, que, assim como a sexualidade, possuem uma história cheia de “entranhamentos”, “desentranhamentos” e “reentranhamentos” (Duarte 2004). Eles reinauguram a lógica da deriva sobre a qual falava Néstor Perlongher (2008), bem como se aproximam das artimanhas da pegação como argumentado por Oliveira e Nascimento:

jogos sinuosos de insinuação e provocação que se estabelecem entre sujeitos que dominam ou se aventuram através de olhares, movimentos e convites – por vezes pouco objetivos. Todos esses elementos são acionados de modo ágil em contexto de interação localizado na interseção de desejo e criatividade, entre a vontade de fazer e a perspicácia de transformar espaços. São rápidos, efêmeros. Cruzam a geografia e a temporalidade, durando apenas o momento do encontro para logo se desfazerem (Oliveira; Nascimento 2015: 46).

- 56 A malha urbana da cidade de Baía da Traição é caracterizada pela multiplicidade de elementos que borram separações deveras rígidas entre urbano e rural, entre a cidade e o campo, ou mesmo o imaginário sobre a vida na aldeia. A lógica dos espaços trans é acionada de maneira estratégica na construção dos encontros íntimos, nos quais a sexualidade manifestada é um grito incontido, o desejo escapa às nomenclaturas e o erotismo da satisfação dos desejos exerce um importante papel. É possível encontrar nas brincadeiras a força das trocas de fluidos sexuais, quando os corpos passam a ser a essência da economia de troca, ou seja: boca, pênis e ânus são os objetos humanos do contrato, compartilhados e consumidos ao cair da noite. E os corpos, além de serem arquiteturas políticas, éticas e morais, se constituem como máquinas desejanter e desejadas nos entraves da cidade, compondo a arte de viver, pois os prazeres também movem e compõem as travestilidades.
- 57 As práticas sexuais com os rapazes são a principal fonte de lazer, seja nos rios, nas moitas, na praia, nas casas desabitadas, na cama e, principalmente, nos becos convertidos em motéis. Por mais que haja possibilidade de usar outros lugares para a prática sexual, os becos são mais acessíveis e diversificados; assim, o flagrante sempre pode ser prorrogado.

BIBLIOGRAFIA

- BERENSTEIN, Paola Jacques. 2008. “Corpografias Urbanas: o corpo enquanto resistência. In: Cadernos PPG-AU/FAUFBA / Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. - Ano 5, número especial.Salvador : PPG-AU/FAUFBA.
- BRITTO, Fabiana; BERENSTEIN, Jacques, Paola. 2009. “Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana”. *Fractal- revista de Psicologia* n.2.p.337-350.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

- _____. 1993. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. 2004. A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- FERREIRA, Paulo Rogers. 2008. *Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo: Ed Hucitec/ANPOCS.
- FOUCAULT, Michel. 2011. *História da sexualidade I: vontade de saber*. São Paulo: Ed. Graal.
- _____. 2012. *História da sexualidade II: uso dos prazeres*. São Paulo: Ed. Graal.
- HERCHMAN, Elias. 2010. "Descrição Geral da Capitania da Parahyba. [1886]". In *Revista do Arqueológico e Geográfico do Estado de Pernambuco*. Recife: IAGPE.
- MASSEY, Doreen. 1992. "Politics of Space-Time". In: *New Left Review*, 196. Nova York.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2008. "Entre a capital, o sertão e o mar: trajetos e cidades na Paraíba". In: *Ponto Urbe*, vol.4. São Paulo. 2008.
- RUBIN, Gayle. "Tráfico Sexual (entrevista com Gayle Rubin por Judith Butler)". *Cadernos Pagu*, vol.18, 2003.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2015. "Corpo aberto, rua sem saída: cartografia da pegação em João Pessoa". In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro: CLAM/ UERJ.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima. 2016. *Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa*. João Pessoa: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPB.
- ORTEGA, Francisco. 1999. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- PASSOS, Elayne Messias. 2013. *Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo acerca do Beco dos Cocos*. Sergipe. Dissertação de mestrado em Antropologia. UFS.
- PELÚCIO, Larissa. 2012. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. *Contemporânea* n. 2: 395-418.
- PERLONGHER, Néstor. 2008. *O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo.
- ROLNIK, Raquel. 2004. *O que é Cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- SCOTT, Parry. 1981. *Between Captivity and the Middle of the World: Migration and Household Organization Among Rural Workers in Northeast Brazil*. PhD Dissertation, University of Texas: Autrin.
- TOTA, Martinho. 2012. *Entre as diferenças: gênero, geração e sexualidades em contexto interétnico*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro, UFRJ.
- VELHO, Gilberto. 1974. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.

NOTAS

1. Todas as palavras entre aspas e em itálico são categorias êmicas.

2. Os becos também são usando para os encontros íntimos entre homens e mulheres heterossexuais, entre homens gays e mulheres lésbicas, mas optei por recortar apenas as experiências nas mulheres trans e os rapazes, por ter maior contato com as trans.

RESUMOS

Este artigo tem por objetivo apresentar como as mulheres trans usam becos, praias e rios na cidade da Baía da Traição, Litoral Norte da Paraíba, para configurar e negociar seus desejos e prazeres. Esses espaços são acionados de maneira estratégica para os encontros íntimos, nos quais a sexualidade manifestada é um grito incontido e o desejo escapa às nomenclaturas e o erotismo da satisfação dos desejos exerce um importante papel. Nesses encontros a moral não é negligenciada, é possível notar hierarquias das vontades e reciprocidades. O lazer e o prazer surgem como paradigma para pensar a arte de viver as sexualidades dissidentes, onde a nudez existente é a do desejo de corpos desidentificados dos padrões heteronormativos. Com isso, a hermenêutica de si permite que as trans tomem consciência da estética que aspiram empregar em sua realidade cotidiana e fazem de sua existência uma arte que dialoga com as desarticulações dos formatos de macho/homem, fêmea/mulher.

This article aims to present how trans women uses alleys, beaches and rivers in the city of Baía da Traição - PB, in North Coast of Paraíba, to configure and negotiate their desires and pleasures. These spaces are strategically driven for intimate encounters, in which manifested sexuality is an unrestrained cry end, the desire escapes nomenclatures, and the eroticism of the satisfaction of desires plays an important role. In these meetings the ethics are not neglected, it is possible to note hierarchies of wills and reciprocities. Leisure and pleasure arise as a paradigm for thinking about the art of living transvestity, in which the nudity that exists is the desire for bodies that are not identified by heteronormative patterns. In this way, the hermeneutics of itself allows the trans to become aware of the aesthetics they aspire to employ in their everyday reality, and make their existence an art that dialogues with the disarticulations of male/ man, female/ woman formats.

ÍNDICE

Keywords: Leisure; Pleasure; Morality; Aesthetics of existence

Palavras-chave: Lazer; Prazer; Moralidade; Estética da existência

AUTOR

VERÔNICA ALCÂNTARA GUERRA

Doutoranda em Antropologia - UFPE